

do jazz e a vertigem vertical dos buildings, sua sensibilidade de lirico moderno estivesse se contraindo, e se diluindo inutilmente em poemas.

03A0136-48

- 1- Rinaldo Houa
- 2- No Mar Invisível
- 3- Correio do Povo
- 4- crônica sobre a pesquisa
- 5- Porto Alegre
- 6- 7 de outubro de 1948
- 7- n.º 6
- 8- Secas - Arte e Literatura
- 9- Som
- 10- Amélia Roster
- 11- 18 de março de 1994

### NO MAR INVISÍVEL

(Especial para o "Correio do Povo")  
Reinaldo Houa

Bem. Falando com franqueza, eu não tenho opinião formada sobre o assunto. Isto é, nós não temos, não podemos ter, ninguém a tem, pensando em rigorosos termos de ciência. Nós, afinal nada sabemos. Apenas hipóteses mais ou menos simpáticas,

mais ou menos desesperadoras, nada mais. Concordo com você quando você diz que aqueles mobs de mãos, rostos, pés de uma entidade inapreensível, constituem uma prova inquietante de que alguma coisa existe para lá dos nossos conhecimentos e que essa coisa alimenta uma esperança muito humana em cada egoísmo individual. Realmente parece que a obtenção desses sinais misteriosos é uma coisa inegável. Lembro-me dos trabalhos do dr. Geley das experiências do professor Riche de todos os controles científicos empregados nesses ensaios de comunicação com o seque do que nos banha por todos os lados como um imenso indelavável mar. So essas presenças fortuitas não serão de seres existindo em outras dimensões? Serão os mortos que retornam como vapores sombrios do que foram? Não nada sabemos, e você talvez esteja apenas alme mentando inconscientemente uma esperança enganadora. Mas de qualquer jeito é inte

ressante pesquisar, é um prazer intelectual dos mais profundos pensar em todas essas coisas que nos revelam existir em torno do nosso cotidiano banalíssimo uma perpétua tormenta de forças incontroláveis. Às vezes parece que essas forças possuem inteligência, outras se nos afiguram dirigidas por um acaso, como as ondas do vento esguendo as folhas secas e fazendo-as bailar. Ficamos na dúvida. É a dúvida que alimenta o esforço da pesquisa, e há dezenas, que digo?... centenas de homens esse nada, essa aparência, essa promessa, talvez essa ilusão. Conseguirão um dia desvendar o formidável mistério? Não sabemos, nada podemos adiantar de coisas a alguma temos certeza. Sinceramente é a dúvida que alimenta a pesquisa. Você falou naqueles moldes de mãos e de rostos obtidos com a parafina na câmara de experiência sob o absoluto controle do cên-

tistas cultivadores da necessária dúvida. É o ponto mais alto veio, de todas as sondagens até agora realizadas no mar do mistério envolvente. Onde vem essas mãos, e esses rostos? Trabalho do inconsciente dos vivos? Fantasmas gerados involuntariamente pelo poder ainda desconhecido do inconsciente de cada homem? Ou sei que você se inclina a acreditar que isso represente uma festa de luz sobre o grande segredo, e que as explicações mais limitadas deixam muito a desejar. É uma tendência natural do seu espírito. No mundo deve haver de tudo. Dessa variedade de infinitos de pontos de vista, dessa dialética eterna vai nascendo todos os dias uma partícula de verdade. Os homens constroem a ciência através da interminável discussão. Mas... não diga isso, por favor! De maneira nenhuma eu poderia pensar assim. Olhe... a vida humana mergulha no inconcebível. Tudo é

possível neste carcere rodeado de treva eterna que é o nosso universo. Mesmo as religiões possuem qualquer coisa de indiscutível. Representam alguma coisa insondável como o próprio mistério. E daí, quem sabe?... Nós ainda poderemos vir a ter uma grande surpresa. Tudo é possível e por isso eu não o contradigo, apenas podemos discutir agradavelmente, cordialmente como dois espíritos semelhantes a todos os espíritos na ronda de todos os séculos, diante desta pequena esfinge de bronze que você usa como peso-papeis aqui na sua secretária.

Olha. Você vai caminhando pela rua, como sempre, como todos os dias, pelo mesmo trajeto, pela mesma rua, à mesma hora de sempre. Tudo em torno tem a mesma banalidade de sempre o mesmo e no seu espírito não paira nenhuma dúvida sobre a solidez do mundo e a indiferença da hora que

passa. De repente, sem saber como, voce é tocado por um sentimento estranho de plenitude, de novidade em torno. Seus sentidos como que ficaram novos. Seus olhos estão coloridos pela luz de um universo novo, as coisas assumem por um momento seus aspectos mais íntimos e significativos. Nada é compreensível, mas voce tem a súbita certeza de estar vivendo dentro de um momento milagroso. Todos os seus conhecimentos não bastam para dissipar essa inebriante sensação. Que é a matéria? Que é o tempo que flui como uma silenciosa torrente? Que é essa vida que voce está vivendo no mundo gratuito das incompreensões? Que é...? Bem. Si voce terá o sentimento do misterioso e mágico, no envolver no mais banais momentos do cotidiano. Para alguns isso é como a aura epiléptica. Voce se lembra de Dostoyevski?

J. Reinaldo Moura

na noite.

Outros galos cantou na distância. Houve ligeira pausa. Depois, outros. O outro, ainda, mais próximo. Mais um, respondendo. O outro, mais distante. O outro, bem perto, no jardim quintal da vizinhança. Agora durante um momento havia como um coro de vozes iam esmorecendo num final que parecia um círculo sonoro girando lentamente na noite, sob o ovalo adormecido.

Subversão no sono. A consciência das coisas se evaporava. A noite volátil dissipava as vagas noções do mundo.

1. Reinaldo Maura
2. Existencialismo e ficção
3. Coneio do Povo
4. Crônicas sobre Jean Paul Sartre
5. Porto Alegre
6. 9 de dezembro de 1948
7. n.º 59
8. Secas - Arte e Literatura
9. 50m
10. Amélia Ester
11. 28 de março de 1994